

NOSSOS MONSTROS, NOSSOS SENTIMENTOS: AGRESSIVIDADE E LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gisele da Gama Ramos¹, Gilvana Fialho Pessoa²

*¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano da Universidade
Federal Fluminense, Niterói, Brasil (gisele_gama@id.uff.br)*

²Professora na Rede Municipal de Niterói, Niterói, Brasil

Resumo: O texto toma como eixo reflexões sobre a importância de se trabalhar afetividade na educação infantil com ludicidade. Para isso, apresentamos o projeto “Nossos monstros, nossos sentimentos”, desenvolvido com crianças de 3 a 4 anos de uma determinada escola localizada em uma comunidade do município de Niterói no estado do Rio de Janeiro. Esse artigo tem o intuito de trazer práticas pedagógicas que possam contribuir para o campo da educação infantil, levando a reflexão voltada para uma formação integral das crianças. Com experiências presentes em nosso dia a dia de educadoras ressaltamos práticas utilizadas para intervenção da agressividade tão presente no cotidiano deste local.

Palavras-chave: Educação infantil; Agressividade infantil; Práticas pedagógicas; Afetividade; Ludicidade.

INTRODUÇÃO

Como professoras da Rede Municipal de Niterói, observamos no cotidiano da educação infantil situações diversas de violência ao redor da comunidade escolar. Com isso as crianças estão claramente sendo afetadas emocionalmente com esses fatos rotineiros, trazendo grandes impactos para suas vidas. E isso acaba transbordando dentro da escola, local considerado um refúgio e de acolhimento. Com essas reflexões podemos dizer que a agressividade é um dos principais problemas encontrados pelos professores da educação infantil localizadas em regiões periféricas. As abordagens pedagógicas utilizadas devem estar direcionadas para esse viés, contemplando nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP). Tendo a escola autonomia para a produção deste documento desde 1996 amparado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei 9.394/96 em seus artigos 12,13 e 14, visando apontar os principais problemas escolares, e assim consequentemente direcionando projetos voltados para trabalhar essas questões. Segundo Gadotti (2000, p.8-9):

A escola precisa ter projeto, precisa de dados, precisa fazer sua própria inovação, planejar-se a médio e a longo prazos, fazer sua própria reestruturação curricular, elaborar seus parâmetros curriculares, enfim, ser cidadã. As mudanças que vêm de dentro das escolas são mais duradouras. Da

sua capacidade de inovar, registrar, sistematizar a sua prática/experiência, dependerá o seu futuro. Nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos.

Gadotti ressalta que o Projeto Político Pedagógico deve ser construído de forma participativa, envolvendo toda a comunidade escolar visando objetivos, metas e práticas educativas da escola. Por meio do acompanhamento e revisão periódica do projeto-pedagógico, a escola pode adaptar-se às transformações sociais, culturais e tecnológicas. O PPP é uma ferramenta para a construção de uma educação mais contextualizada, crítica e comprometida com a formação integral dos discentes.

A partir de práticas pedagógicas pautadas para atingir significativamente a vida dos educandos estaremos no caminho de uma transformação social positiva. Trazendo de fato uma educação democrática valorizando o desenvolvimento de habilidades socioemocionais das crianças refletindo na visão do exímio Paulo Freire (2002), indo muito além da transmissão de conteúdos, mas na busca de empoderar os indivíduos, promover a reflexão crítica e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Com essas reflexões podemos avaliar nossa própria prática, da forma que lidamos com os comportamentos de agressividade na nossa rotina com as crianças. Nos atentamos que não estávamos nos apropriando de práticas que levassem a melhor forma de lidar com a situação, pois claramente não estávamos conseguindo acabar com as atitudes de agressividade na turma. Os diálogos constantes com as crianças não surtiam nenhum efeito. A solução que encontramos foi primeiramente entender o contexto e os motivos da maioria dos alunos da turma de crianças tão pequenas de 3 a 4 anos terem essa agressividade.

Winnicott (1965) enfatiza a importância de compreender a agressividade infantil dentro do contexto das relações afetivas e do ambiente familiar, destacando que a expressão da agressividade pode ser uma forma legítima das crianças lidarem com suas emoções e frustrações. O autor ressalta a influência do ambiente familiar e das interações sociais na manifestação e na regulação da agressividade infantil, oferecendo insights importantes para educadores sobre como acolher e compreender esse aspecto do desenvolvimento infantil.

Era notório que a agressividade infantil se tratava das dificuldades que elas tinham de expressar seus sentimentos, frustrações e medos. Tivemos a percepção de que se deixar de ter um melhor entendimento sobre o comportamento infantil, poderia resultar negativamente na formação do educando, tornando-os adultos com dificuldades em lidar com as emoções. Para além de uma aprendizagem significativa, se faz necessário que o professor conheça o grupo ao qual está desenvolvendo seu trabalho, foi neste ponto específico que pautamos a busca por uma condução do fazer pedagógico que amenizasse as atitudes inadequadas das crianças nos relacionamentos umas com as outras e conosco também como mediadoras desse processo. O objetivo principal era conduzir a ação dessas crianças numa perspectiva empática e respeitosa em relação aos demais alunos, a elas mesmas e até mesmo em relação a toda comunidade escolar. É nesse viés que podemos apontar o que relata Winnicott (1982, p.223):

[...] a professora deve, por vezes, proteger as crianças delas próprias e exercer o controle e orientação necessários na situação imediata; e, além disso, assegurar o fornecimento de atividades lúdicas satisfatórias para ajudar a criança a guiar sua própria agressividade para canais construtivos e adquirir habilidades eficazes.

Todo comportamento que seja considerado inadequado ao comportamento infantil deve ser analisado, pois nós somos claramente afetados pelo ambiente e pelas situações às quais somos submetidos. Até mesmo adultos, qualquer tipo de violência, seja ela verbal, física ou emocional pode comprometer nossas atitudes e comportamentos, imagina o que causa a uma criança em sua mais tenra idade?

Como na obra de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, o autor retrata que ensinar exige apreensão da realidade, ou seja, professores tem a responsabilidade de tornar o objeto de estudo o mais compreensível para que todas as metodologias e recursos aplicados favoreçam no alcance dos objetivos envolvidos no processo de aprendizagem.

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. É precisamente por causa desta habilidade de apreender a substantividade do objeto que nos é possível reconstruir um mal aprendido, o em que o aprendiz foi puro paciente da transferência do conhecimento feita pelo educador (Freire, 2002, p.41).

Refletindo nos fatos elencados, entende-se a importância de propiciar um estudo sobre o tema, ações nas quais resultem um ambiente escolar saudável, levando uma educação de qualidade. Sendo este um grande desafio para os educadores, minimizar ou até mesmo cessar o comportamento de agressividade nas salas de aula. Tendo assim como principal questionamento: “Quais são as práticas pedagógicas que devem realizar para garantir que os educandos lidem, da melhor forma possível, com seus sentimentos?”.

Até que ponto podemos, como educadores, transformar através de nossas ações pedagógicas as condutas dos estudantes que impedem que o processo de aprendizagem atinja seus objetivos ou mesmo que o ambiente escolar seja um propulsor dessas potencialidades de todos os agentes envolvidos, tanto docentes quanto discentes. Nossa preocupação pontual era além de melhorar o relacionamento entre as crianças, também propiciar um ambiente acolhedor, não somente para que nosso trabalho se desenvolva, mas, sobretudo que as crianças entendessem de forma lúdica que nossas ações envolvem consequências nos comportamentos de outras pessoas.

Pensando na perspectiva que Nathalia Mendes apresenta em seu artigo, devemos como educadores proteger de forma lúdica os estudantes deles mesmos em relação a situações que envolvam a agressividade infantil, pois o brincar se faz extremamente necessário para que através de ações simples dentro da brincadeira sejam solucionados conflitos. Interromper os processos que envolvam a criança no que tange seu desenvolvimento como contrariá-la, tirá-la da brincadeira por um comportamento indevido sem que esta regra esteja pré-estabelecida é como cercear seu entendimento sobre o mundo e as regras de convivência social.

Como no nosso caso estamos falando de crianças das classes populares, muitas vezes por estarem inseridas em comunidades onde a violência faz parte naturalmente do ambiente e dos contextos familiares, tentamos através de práticas transformadoras envolver os estudantes com o recurso da ludicidade. Como educadores é nosso compromisso a transformação social que visam um ambiente saudável, democrático e de igualdade em todos os sentidos aos alunos e toda comunidade escolar. Biaggio (1976, p.198), diz que:

As crianças aprendem não apenas o que lhes é dito que devem fazer, mas principalmente o que veem ser feito por outras pessoas. Enquanto antigamente os modelos eram quase exclusivamente os pais e membros mais chegados a família, atualmente os modelos são fornecidos amplamente pela comunicação de massa.

Pensando numa melhor abordagem na prática pedagógica desenvolvemos um projeto “Nossos Monstros, nossos sentimentos” com uma turma de crianças com 3 a 4 anos, dentro de uma Unidade Municipal de Educação Infantil. Durante este projeto buscamos entender o comportamento e suas justificativas através de um olhar mais atento ao cotidiano dessas crianças. No primeiro momento entenderemos qual foi a justificativa do projeto. No segundo momento com o foi aplicado, ou seja, as etapas do projeto. No terceiro momento resultados do projeto. Finalizando com as considerações acerca do projeto desenvolvido, enfatizando importância da prática pedagógica para o desenvolvimento da criança.

JUSTIFICATIVA DO PROJETO

O projeto “Nossos monstros, nossos sentimentos” foi realizado com uma turma que tinha 20 crianças na faixa etária de 3 a 4 anos. A Unidade Municipal de Educação Infantil, localizada em uma comunidade do município de Niterói no estado do Rio de Janeiro. Logo no início percebemos que as crianças apresentavam em muitos momentos agressividade principalmente umas com as outras. O comportamento agressivo não só físico, mas também verbal. O contorno da escola já demonstrava um comportamento bastante hostil presente no ambiente dessas crianças. Então a dificuldade em lidar com a agressividade infantil era bastante complexa.

As crianças apresentavam ter cada vez mais desinteresse ao que era desenvolvido na sala de aula, demonstrando estarem mais furiosos por não conseguirem expressar claramente seus desejos e desgostos. A agressão entre eles era constante, mesmo com a intervenção com diálogos constantes não resolvia. Apesar de terem apenas 3 a 4 anos era muito preocupante, pois estavam acontecendo situações tão intensas que realmente poderiam gerar danos irreparáveis na vida dessas crianças se nada fosse feito.

A educação das crianças partia principalmente da parceria escola-família. Com isso primeiramente demos início a reuniões com familiares das crianças com o intuito de entender um pouco mais o cotidiano de cada uma. A principal dificuldade encontrada nos responsáveis era em dar uma maior atenção aos seus filhos. Devido a busca do sustento deles, não tinham tempo, pois o trabalho os consumia. Todavia, a maioria demonstrou interesse em receber orientação da escola e até mesmo preocupação com a situação.

Levando em consideração que o comportamento das crianças era um pedido de ajuda, foi desenvolvido o projeto visando a construir uma melhor prática pedagógica que faça com que as crianças lidem com seus sentimentos sem ser através da agressividade. A proposta de

uma boa prática pedagógica deve estar associada a todo um contexto social onde será empregada. Levando em conta o grupo envolvido e como é a relação entre eles, sua diversidade cultural, os problemas sociais. Enfim esmiuçar cada fator referente ao ambiente escolar relacionado a seus discentes.

Refletindo assim como agir, devendo a prática estar em constante transformação, observando claramente que uma mesma prática pedagógica não valerá em todas as situações de ensino. Paulo Freire (2002) aborda a importância de refletir constantemente a prática docente, destacando a necessidade de os educadores terem planejamentos flexíveis, sendo dinâmico e permeado por reflexões críticas sobre a realidade dos estudantes e as estratégias de ensino.

Pensar numa boa prática pedagógica referisse realizar diversos questionamentos sobre o que realmente o aluno aprende com olhar crítico, para ter enfim uma boa didática em sala de aula, tendo uma visão de que é nela que começam as grandes mudanças. Candau (2012, p.23-24), diz que:

A perspectiva fundamental da Didática assume a multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem e coloca a articulação das três dimensões, técnica, humana e política, no centro configurador de sua temática.

[...]

Nesta perspectiva, a reflexão didática parte do compromisso com a transformação social, com a busca de práticas pedagógicas que tornem o ensino de fato eficiente (não e deve ter medo da palavra) para a maioria da população. Ensaia. Analisa. Experimenta. Rompe com uma prática profissional individualista. Promove o trabalho em comum de professores e especialistas. Busca as formas de aumentar a permanência das crianças na escola. Discute a questão do currículo em sua interação com uma população concreta e suas exigências etc.

Este é, a meu ver, o desafio do momento: a superação de uma didática exclusivamente instrumental e a construção de uma didática fundamental.

Para Candau, a didática vai além de técnicas de ensino, envolvendo uma reflexão crítica sobre as relações entre educadores e educandos, os conteúdos abordados, as práticas pedagógicas e o contexto social, cultural e político em que ocorrem. Ela enfatiza a importância da didática como uma ferramenta para promover uma educação mais inclusiva, democrática e comprometida com a transformação social. Candau destaca ainda a necessidade de os educadores considerarem as diferenças culturais, sociais e individuais dos alunos em suas práticas didáticas, visando a construção de espaços educativos mais justos e igualitários.

Falando da educação infantil claramente refere-se a desenvolver práticas de forma lúdica, no qual é a melhor maneira de realizar um ensino-aprendizado significativo. Segundo Kishimoto (1998, p.36):

O uso do brinquedo/jogo educativo com fins pedagógicos remete-nos para a relevância desse instrumento para situações de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Se considerarmos que a criança pré-escolar aprende de modo intuitivo, adquire noções espontâneas, em processos interativos, envolvendo o ser humano inteiro com suas cognições, afetividade, corpo e interações sociais, o brinquedo desempenha um papel de grande relevância para desenvolvê-la. Ao permitir a ação intencional (afetividades a construção de representações mentais (cognição), a manipulação de objetos e o desempenho de ações sensório-motoras (físico) e as trocas nas interações (social), o jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o

desenvolvimento infantil. Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa.

Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem.

Para Kishimoto, o lúdico contribui para uma aprendizagem significativa, pois propicia um ambiente para experimentação, a descoberta e a construção de conhecimento de forma prazerosa. O lúdico estimula a criatividade, a imaginação, a autonomia e a sociabilidade das crianças, levando o desenvolvimento integral em diferentes aspectos, como emocional, cognitivo e motor. Com essas reflexões a cerca de uma prática flexível através da ludicidade, foi realizado o projeto com o tema: “Nossos monstros, nossos sentimentos”, priorizando uma escuta mais sensível a fala e o comportamento das crianças.

ETAPAS DO PROJETO

Este projeto teve durabilidade aproximadamente de um mês. A atividade disparadora para o desenvolvimento do projeto foi através de questionamentos realizados pelas professoras através das rodas de conversa em relação as preferências das crianças, que relatavam o que gostavam, tais como alimentos, cor, brinquedo, entre outros. Com intuito das crianças entenderem que cada um tem preferências/gostos diferentes e que devemos respeitar essas diferenças, foi realizado um levantamento de dados através da confecção, das próprias crianças, de um gráfico demonstrativos de quem gostava de qual cor, alimento, brinquedo, entre outras. Ao aprender sobre as diferenças, as crianças desenvolvem respeito e tolerância. Elas passam a compreender que cada pessoa é única, com suas próprias características, origens, culturas e experiências de vida. Isso contribui para uma visão mais inclusiva e respeitosa do mundo ao seu redor.

Também foram realizadas diversas dinâmicas a partir de algumas histórias infantis como: “O monstro das cores” de Anna Llenas, “O dia em que o monstro veio à escola” do blog @salinhadatiavivi e “Os monstros do silêncio” do canal do YouTube da Taise Agostini.

O MONSTRO DAS CORES

Na roda de conversa, onde cada atividade se iniciava, as professoras contaram a história chamada “O monstro das cores” de Anna Llenas. A história gira em torno de um monstro que está confuso com suas próprias emoções e não sabe como lidar com elas. Com a ajuda de uma amiga, o monstro aprende a identificar, compreender e expressar suas emoções, associando cada uma delas a uma cor específica. O livro utiliza cores vibrantes e ilustrações cativantes para representar as diferentes emoções experimentadas pelo monstro, como alegria, tristeza, raiva, medo e calma. A narrativa envolvente e visualmente estimulante permitiu que as crianças compreendessem e identificassem suas próprias emoções de forma lúdica e educativa. Após a história, realizamos a dinâmica com espelho. Cada criança ficou em frente ao espelho para observar suas expressões após representar cada emoção presente no livro.

Trabalhando com o livro de Anna Llenas (O monstro das cores), foram separados diversos potinhos no meio da rodinha. Cada criança colocava uma bolinha de papel da cor referente ao sentimento que estava no momento dentro do potinho e contava o motivo daquela

emoção. Após todos terminarem observaram qual era o principal sentimento que a maioria tinha escolhido, por fim acabou sendo alegria por ser uma atividade divertida para eles.

Cada criança pintou um monstrinho com a cor referente ao que estava sentindo naquele momento, sendo vermelho para raiva, rosa para amor, preto para medo, amarelo para alegria, azul para tristeza e verde para calma. A educação emocional na infância promove a autoconsciência emocional, permitindo que as crianças identifiquem e compreendam suas próprias emoções. Isso as leva a expressar-se de forma saudável comunicar suas necessidades e estabelecer relações interpessoais mais positivas. Além disso, ao aprender a reconhecer e nomear seus sentimentos, as crianças desenvolvem a capacidade de autorregulação emocional, ou seja, a habilidade de organizar suas emoções de forma equilibrada.

Em um outro momento foi realizado o desenho de um monstro na cartolina. As crianças enfeitaram do jeitinho delas, e escolheram um nome através da votação de todos, o vencedor foi “DENTINHO”. Era o monstrinho da turma que também gostava de muitas coisas parecidas com as crianças. Foi realizado um texto coletivo sobre como o “DENTINHO” deveria se comportar para ser um bom amigo da turma. Cada criança expressava uma frase e a professora ia sendo a escriba. Frases muito divertidas apareceram como “Para ser um bom amigo tem: - que beijar no rosto, - que abraçar, - que emprestar os brinquedos, - que cuidar”, entre outras. O trabalho com sentimento na educação infantil promove a compreensão das emoções alheias, auxiliando as crianças desenvolverem relações mais respeitadas e solidárias com seus amigos. Contribuindo assim, para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo.

O DIA EM QUE O MONSTRO VEIO À ESCOLA

A história “O dia em que o monstro veio à escola!” também foi contada para as crianças. O livro foi retirado de um blog chamado @salinhadatiavivi. A história aborda um monstro que, inesperadamente, apareceu na escola. Todos ficaram assustados com o comportamento dele, gritava, destruía tudo, não respeitava as regras da escola. Todos os colegas e a professora ficaram irritados com ele, pois não conhecia os combinados da sala. Todavia, depois de aprender as regras e os combinados conseguiu ficar em harmonia com todos.

Ao definir regras e combinados, as crianças aprendem sobre responsabilidades, respeito mútuo, colaboração e autodisciplina. Além disso, as regras proporcionam um ambiente previsível e estruturado, o que é essencial para o bem-estar emocional e a sensação de segurança das crianças. Na educação infantil, as regras também ajudam a preparar as crianças para a vida na sociedade, ensinando-as sobre a importância do respeito às diferenças, da cooperação e da resolução pacífica de conflitos. Elas promovem o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de conviver harmoniosamente em grupo.

Após os alunos entenderem através da historinha o motivo de terem que ter as regras da escola, confeccionaram cartazes com as regras da sala de aula. As crianças pintaram dois monstrinhos, no qual um tinha como tema “monstro dos bons comportamentos” e o outro era “monstro dos maus comportamentos”. Cada criança pegava uma ficha contendo um desenho de um monstro e seu comportamento, a criança tinha que refletir se era bom ou mau e colar no monstrinho correspondente. As fichas tinham como principais comportamentos: bater, cuspir no chão, ajudar, gritar, partilhar, abraçar, rasgar atividades, dizer asneiras, empurrar, mentir, ser paciente e ouvir.

OS MONSTRINHOS DO SILÊNCIO

Outra dinâmica realizada na rodinha com as professoras foi “Os monstrinhos do silêncio”, ideia retirada do canal do YouTube da neuropsicopedagoga Taise Agostini. A atividade foi realizada na roda de conversa com as crianças através de uma caixa surpresa e dentro dela tinha uns monstrinhos que adoravam brincar, mas a única coisa que não gostavam era de barulho muito alto, quando isso acontecia eles voltavam para casinha deles com medo da algazarra. Os monstrinhos tinham sido confeccionados com lã e cada criança recebeu um. As professoras incentivaram a tratá-los com carinho. Toda vez que as crianças estavam muito dispersas, as professoras buscavam como recurso em trazer de volta a atenção das crianças os monstrinhos do silêncio. Cada criança levou um monstrinho para casa, no qual deveria tratá-lo da melhor maneira possível assim como seus amigos.

RESULTADOS DO PROJETO

O projeto finalizou com ótimos resultados claramente percebidos por todos da comunidade escolar. A participação das crianças demonstrando cada vez mais o interesse foi primordial para um bom desenvolvimento do projeto. Trabalhar com os sentimentos na educação infantil não apenas prepara as crianças para lidar com as demandas da vida cotidiana, mas também contribui para a formação de indivíduos mais equilibrados e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

No próprio decorrer do projeto era visível a mudança de comportamento das crianças, no qual estavam mais participativas e interessadas em todas as atividades propostas. Na forma bastante lúdica que o projeto foi se desenvolvendo facilitou para que estimulasse o interesse na participação dos alunos.

Os recursos utilizados foram a maioria de fácil acesso, visto que não tínhamos muitos materiais, tivemos que aproveitar o que era disponível no momento. Além de contribuir para que os alunos desenvolvessem seus aspectos psicológicos, entendendo melhor suas emoções e conseguindo expressá-las adequadamente. Também foram aprendendo de forma bastante espontânea os conteúdos presentes no Referencial Curricular Nacional a Educação Infantil: **Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.**

Trabalhar de forma lúdica claramente é a melhor maneira para fazer com que as crianças se tornem cidadãos exímios na sociedade, pois despertam o interesse, a criatividade e todos os aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. Para ser um bom educador deve ter sempre um olhar atento a seus educandos, sendo flexível a rotina escolar para que possa desenvolver um processo ensino-aprendizagem condizente a real necessidade. A participação da família foi primordial para que o projeto tenha sido desenvolvido. É muito importante essa parceria da escola com a família, pois todos estão em prol da criança. Buscando a melhor maneira de levar uma educação de qualidade para o futuro deles.

Enfim os resultados foram extremamente positivos os alunos conseguiram expressar adequadamente suas emoções, no qual a agressividade no cotidiano escolar desta turma era algo que acontecia com menos frequência, e os próprios alunos interviam conseguindo resolver seus conflitos da melhor maneira possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo trouxe diversas reflexões acerca da importância dos comprometimentos dos professores para acontecer de fato uma educação de qualidade. Ser flexível aos planejamentos, e escutar verdadeiramente as crianças é essencial para que ocorra um ensino aprendizagem significativo. Entender a realidade que cerca e os diversos fatores de que influenciam a vida dos educandos, trazer também a família como parceira da escola faz toda a diferença no desenvolver do trabalho pedagógico. É muito importante este comprometimento da escola que inclui todos os seus funcionários e a família, só assim para conseguir transformar as crianças em cidadãos críticos e reflexivos.

Obviamente que o projeto foi apenas o início de um processo que deve ser constante através de pautas frequentes que reflitam sobre todos os conflitos, questões e abordagens que devemos trabalhar no interior da escola. Todo esse movimento é capaz de comover e até mesmo transformar a sociedade a longo prazo. Acreditamos que no interior de nossas salas de aula é possível plantar sementes da democracia, igualdade, boa convivência, empatia, solidariedade, entre outros comportamentos e atitudes que colaboram para um mundo em que vivamos com maior esperança de dias melhores. A utopia nesse caso serve como uma perspectiva relativa à esperança, muito discutida na obra de Paulo Freire e que nesse contexto cabe perfeitamente, pois na educação se não buscarmos a expectativa de dias melhores, adoecemos e paralisamos frente a tantos desafios.

Vale ressaltar que o projeto desenvolvido contribui como um excelente exemplo de modelo para que os demais profissionais da educação possam assim refletir suas práticas buscando a melhor forma possível, na qual seus alunos apendam com o lúdico e consigam se expressar sem ser através da agressividade. Dessa forma, abrangendo os conceitos do projeto e buscando mudanças significativas para toda a comunidade da escola.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Taise. **Monstros do silêncio - super dica para turmas agitadas**. YouTube, 26 de out. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7d1oQkqVGE>. Acesso em: Acesso em junho de 2023.

BIAGGIO, Ângela Maria Brasil. **Psicologia do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BRASIL. Educação, Ministério e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental; **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.v.3.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

CANDAU, Vera Maria. A didática e a formação de educadores - Da exaltação à negação: a busca da relevância. In. CANDAU, Vera Maria (org.) **A Didática em questão**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p. 13-24.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da esperança**: um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko. Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 1998.

LLENAS, Anna. **O monstro das cores**. Aletria, 2018.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

O dia em que o monstro veio à escola. Disponível em:
<<https://salinhadatiavivi.blogspot.com/search?q=monstro>> Acesso em junho de 2023.

SOUZA, Nathalia Mendes Gudim de. Agressividade na Educação Infantil. Revista Eventos Pedagógicos.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.